



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**Vânia Amélia de Oliveira Viana
(depoimento)**

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-211

Entrevistada: Vânia Amélia de Oliveira Viana

Nascimento: 01/09/1950

Local da entrevista: Colégio Salesiano Dom Bosco

Entrevistadora: Daniela Natividade e Johanna Coelho Von Muhlen

Data da entrevista: 03/11/2010

Transcrição: Marco Antônio Ávila de Carvalho

Conferência Fidelidade: Luciane Soares

Copidesque: Luciane Soares

Pesquisa: Johanna Coelho Von Muhlen

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 50 minutos e 24 segundos

Páginas Digitadas: 16

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

VIANA, Vânia Amelia de Oliveira. *Vânia Viana (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

SUMÁRIO

Principio da Ginástica Rítmica no Rio Grande do Sul; formação dos primeiros grupos e ginastas; cursos de formação em ginástica; formação da entrevistada; campeonatos de ginástica; estruturação da modalidade; regras e códigos de pontuação; música e aparelhos; ginástica rítmica no interior do estado; participação de ginastas homens; ginástica rítmica em Pelotas; curso de formação de árbitras.

Porto Alegre, 03 de novembro de 2010. Entrevista com a professora Vânia Viana a cargo das entrevistadoras Daniela Natividade e Johanna Coelho Von Muhlen para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

D.N. – Como tu soubeste da modalidade da GR¹ no estado?

V.V. – Eu comecei a ver a Ginástica Rítmica, na época GRD², em cursos a título precário que nós fazíamos como professores de Educação Física. Eu não era formada ainda. Então, começamos a fazer esses cursos para podermos a dar aula. Eu comecei então a fazer curso na Ginástica Rítmica através desses cursos que eram feitos nas delegacias de educação. Eram órgãos da SEC³. Depois, em 1972, eu fiz vestibular para Educação Física no IPA⁴. Aí foi que eu me encontrei com a Vera Angheben⁵, que foi minha professora da GR e, durante todo o tempo da faculdade, a área da ginástica era com ela. Então, eu comecei a aprofundar mais os conhecimentos que eu tinha com a Vera. Eu voltei para Santa Vitória bem animada já, fazendo um grupo de ginástica dentro do Colégio Estadual Santa Vitória.

D.N. – Em que ano isso?

V.V. – Em 1972 foi que começou mesmo. Foi o primeiro ano que eu comecei a faculdade. Em primeira instância eu simplesmente peguei meninas aleatoriamente. Não tinha teste, seleção, não tinha nada. Era quem gostava de dançar, de fazer ginástica. Aí eu formei um grupo. Aí sim, mais ou menos, eu selecionei esses grupos por idade. Eu tinha mais de um grupo. Tinha o grupo dos menores e dos maiores. Naquela época o colégio estadual só tinha a partir do fundamental, no caso hoje. Naquela época, só a partir da sexta série. Eram meninas maiores.

J.C. – Só meninas?

¹ Ginástica Rítmica.

² Ginástica Rítmica Desportiva.

³ Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul.

⁴ Atualmente Centro Universitário Metodista IPA.

⁵ Vera Lucia Zamberlan Angheben.

V.V. – Só meninas. Então, eu comecei a trabalhar com elas. Dentro dessa escola nós tínhamos um auditório muito grande e, paralelamente a isso, nós tínhamos o Ginásio Cardeal. Quando eu comecei a trabalhar com elas com aparelhos mesmo, eu trabalhava alguns dias no colégio estadual e em alguns dias eu ia para o Ginásio Cardeal. Em princípio foi isso e a Vera sempre me deu força.

J.C. – Quem dava esses cursos precários?

V.V. – Eram dados por professoras de dança, de ginástica que naquela época eram sediadas dentro das delegacias de educação. Sinceramente eu nem lembro quem foram as primeiras professoras, porque esses cursos eram muito curtos. Fazíamos no fim de semana ou de quinta a domingo, um curso de 20hs, 30hs. Mas foi assim que eu comecei...

D.N. – Nesses cursos precários, tu tiveste algum curso específico de GR?

V.V. – Sim. Às vezes os cursos tinham 3 ou 4 modalidades juntas. Por exemplo: de manhã era GR, de tarde era handebol e de noite tinha... Eram nem intensivos.

J.C. – Tu tens o material desses cursos?

V.V. – Eu não sei se eu tenho. Eu acho que devo ter.

J.C. – Tu podias olhar para nós.

D.N. – E tu davas essas aulas para meninas em horários de escola?

V.V. – Em horários alternativos.

J.C. – Tu estudavas de noite?

V.V. – Não. Eu fiz o curso parcelado. Porque eu já era professora de Educação Física a título precário, ou seja, professor que não eram da Educação Física assim como de outras disciplinas também davam. Mas daí no momento que apareceu no IPA o curso parcelado

que era justamente dirigidos à professoras da Educação Física que já trabalhavam. Era de férias. De julho a janeiro.

J.C. – E como eram os treinos?

V.V. – Eram horários alternativos. Elas tinham aula de manhã e ginástica de tarde. As meninas que eu escolhi faziam sempre fora das aulas de Educação Física. Apesar de, nas aulas de Educação Física, eu também trabalhava GR, porque naquela época era separado os meninos das meninas na Educação Física. Mas esses grupos específicos trabalhavam em horários alternativos fora do horário da educação física normal.

D.N. – E o que vocês trabalhavam?

V.V. – Nós trabalhávamos os aparelhos, trabalhávamos mão livre.

J.C. – Quanto tempo durava uma aula?

V.V. – Mais de uma hora, mais ou menos duas horas

D.N. – Tinha um treino específico de flexibilidade?

V.V. – Naquela época nós trabalhávamos um pouco. Claro que não era uma coisa muito ordenada, mas nós trabalhávamos muito flexibilidade de perna. De costas é que não trabalhávamos muito. Nós trabalhávamos muito mais pernas. Realmente não era exigido. Porque o código ele era muito abrangente, bastante de escolha. Nós podíamos escolher. Claro que as características dos aparelhos sempre existiram. Os primeiros códigos, pelo menos que eu e a Vera recebemos, vinham as atividades todas escritas: da corda, bola, maça, fita. Nós tínhamos descrições de exercícios, de elementos...

J.C. – Tipo um processo pedagógico?

V.V. – Sim. Era interessante, porque ele era tipo um caderno. Não era um livro de regras. Tinha muito disso. Nas maças, por exemplo, eu me lembro que tinha bastante exemplo, até

porque a maça era um aparelho que era difícil. Ainda continua sendo. Era um dos mais difíceis. Era um material muito bom para termos. Tinha um pouco de conhecimento para poder trabalhar...

D.N. – Onde tu conseguiste esse material?

V.V. – Através da Federação de Ginástica

D.N. – A partir de que ano mais ou menos?

V.V. – Não lembro. Eu me lembro que eu comecei a ser árbitra da Federação em 1976 ou 1978 eu não tenho bem certeza, eu tenho até carteirinha da Federação guardada.

D.N. – Como que tu começaste a competir com elas?

V.V. – Fazíamos muitas apresentações na semana da prática. Fazíamos GR no decorrer do desfile e tinha clubes que eram muito abertos para esses tipos de atividades. Então, nós levávamos a GR para dentro desses clubes. As competições começaram a aparecer na Federação e através da Vera Angheben. Havia naquela época o Campeonato Escolar Gaúcho. Uma das modalidades do campeonato era a GRD.

J.C. – Era o que nós temos hoje como JIRGS⁶, JERGS⁷, é isso? Pela secretaria?

V.V. – Isso. Pelas secretarias. Inclusive a Vera era uma das organizadoras que comandava. Naquela época eram os colégios que participavam. Não havia entidades federadas, clubes. Eram colégios.

D.N. – Como eram as regras? Vocês não tinham um código de pontuação.

V.V. – Tinha regulamento. Tinha código de pontuação, como eu te disse. Essa apostila que tínhamos era o código. Depois começou a [silêncio]. Vocês chegaram a conhecer a

⁶ Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul.

⁷ Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

Ingeborg⁸? Foi quem começou a traduzir. Naquela época tinha a tradução do código alemão para o português. Nós tínhamos inclusive, quando saiu acho que foi um dos primeiros códigos regulamentados, que era um livrinho pequeno tipo livro de regras e era traduzido pela Ingeborg. Hoje, no Brasil, por incrível que pareça, acho que nesse ponto até regrediu um pouco porque nós temos que ter cópia dos outros. Então, era bem específico, bem explicado, tinha todo um histórico no início do código. Depois tinha as regras da execução, a parte das composições, tudo como tínhamos que proceder. Já tinha também um histórico sobre as competições a nível quase de olimpíada. Aí a Deise Barros⁹, naquela época que foi uma das primeiras ginastas brasileiras que competiu. Então a Ingeborg (REVER) já transcrevia essas coisas dessas participações do Brasil, como apresentações ou depois quando elas começaram a competir. Então, eram os primeiros códigos realmente.

D.N. – E o que tu te lembras do GRUGIPA¹⁰? Tu lembras de ter visto em outras cidades ou era só aqui? Como era visto o GRUGIPA?

V.V.- Nessa época o GRUGIPA foi a Santa Vitória. Era um grupo que eu achava excelente a iniciativa do trabalho. Os acadêmicos que faziam e quem levou o GRUGIPA para Santa Vitória foi a Vera, porque eu era aluna dela nessa época. Então, levamos. O ginásio recém tinha sido inaugurado e nós conseguimos pela prefeitura que fôssemos para lá. Foi o baluarte do início, uma coisa boa dentro da ginástica, que deu o pontapé inicial.

D.N. – Tu acha que isso incentivou?

V.V. – Eu acho que incentivou bastante sim. Eu me lembro que na época que eu tinha essa parte escolar, no caso aqui em Porto Alegre era o Americano¹¹ e o Anchieta¹². Dois colégios fortes que começaram a trabalhar...

J.C. – Quem trabalhava nesses colégios?

⁸ Ingeborg Ingrid Krause, uma das precursoras da GR no Brasil.

⁹ Nome sujeito à confirmação.

¹⁰ Grupo de Ginástica da ESEF-IPA, fundado pela professora Vera Angheben em 1972 e que viajava pelo interior do RS, divulgando a modalidade.

¹¹ Colégio Americano, da Rede Metodista de Educação.

V.V. – Senão me engano, no Americano era... não me lembro. Sei que no Anchieta era a Zelira...

D.N. – Como eram os materiais que se trabalhavam? Eram da escola, vocês conseguiam?

V.V. – Comprávamos. No caso lá em Santa Vitória nós encomendávamos dentro do possível. Eu sempre tive contato com a Vera e sempre conseguia. Ou então usávamos, por exemplo, a bola, usávamos muito aquela bola de borracha que se usava para qualquer outra atividade física. Os arcos nós usávamos bambolês, até de vime. Claro que eles não ficavam muito bonitos, mas conseguíamos. As maçãs sim, eram uma dificuldade. Eu me lembro que consegui maçãs naquela época e foi através da Vera.

D.N. – E os materiais das competições eram os mesmos?

V.V. – Eram os mesmos. Nesses campeonatos escolares gaúchos eles aceitavam, se tivesse dentro dos parâmetros, das medidas, não tinha problema. Nós conseguíamos tranquilamente competir.

D.N. – Tu chegou a treinar alguma outra atleta que não foi a nível escolar? Algum outro tipo de competição?

V.V. – Nós tínhamos atletas boas que começaram a competir nos estaduais e se destacaram bastante dentro do Estado. Depois a Federação começou a trabalhar isso em várias cidades.

J.C. – Que ano isso?

V.V. – É difícil. Foi a partir de 1978, por aí. As coisas começaram a ser mais regradada, regulamentadas até nessa parte de organização. As cidades do Rio Grande do Sul: Estrela, Osório, fazíamos muito essas competições lá. Rio Grande. Um tempo depois desse avanço da Ginástica, nós começamos a trabalhar mais especificamente séries de conjunto. Tínhamos as individuais, mas o conjunto era forte. Trabalhávamos mais em cima dos

¹² Colégio Anchieta.

conjuntos e na realidade trabalhava bem menos as individuais, porque era aquelas ginastas que achávamos que tinham mais condições. Como é hoje.

D.N. – Tu lembra o nome dessas meninas que se destacavam mais?

V.V. – Eu tinha duas meninas que eram irmãs Scwab, super flexíveis. Tinham uma flexibilidade de hoje. Já eram inatas. Cláudia e Laura Scwab¹³. A Cláudia era menor e a Laura já maior. E tinha a Cleusa Soares¹⁴, hoje é Cleusa Soares que era pequenininha, mais para ginástica olímpica, mas ela tinha uma facilidade com o aparelho, a flexibilidade dela conseguíamos pelo trabalho. Às vezes ela passava na frente da Laura justamente pela facilidade...

D.N. – Dentro da tua cidade tinha bastantes escolas que trabalhavam a ginástica?

V.V. – Não. Era o colégio estadual onde eu trabalhava e tentei levar para outros grupos escolares. Mas como depois eu comecei a fazer grupos no Ginásio Cardeal, então daí tinha aulas particulares. Eu dava aula nesse ginásio, então essas alunas vinham aleatoriamente de diversos lugares. Aí eu comecei a trabalhar com mais gente e com mais faixas etárias diferenciadas.

J.C. – Só tu trabalhava? Ninguém para te ajudar?

V.V. – Só eu. As meninas mesmo, as maiores, a Cleusa, a Laura, já ajudavam, eram as maiores e ajudavam com as outras.

D.N. – Como que elas ficavam sabendo do teu trabalho?

V.V. – Porque é cidade pequena e éramos conhecidas na cidade. Todo mundo se conhece. Tudo entre os colégios. A delegacia de Rio Grande eles faziam muitas olimpíadas da zona sul e tinha GR e nós ganhávamos sempre. Rio Grande tinha GR, senão em engano, Bagé também, porque era da zona sul. Então, nós ganhávamos sempre e brigávamos sempre, por

¹³ Nomes sujeitos à confirmação.

¹⁴ Nomes sujeitos à confirmação.

que? No caso, eu estava sempre atualizada e os regulamentos deles vinham [palavra inaudível]. Então o que a Vânia fazia: “Não é assim. Leiam a regra tal”. Quem avaliava sentava como júri, não como banca de arbitragem. Pessoas da área da Educação Física, mas como conhecimento mínimo dentro da... Brigávamos bastante. Rio Grande sempre foi muito rival de Pelotas e de Santa Vitória. Mas como eram conjuntos que se apresentavam e as vezes tinham dois conjuntos. Eles pediam dois aparelhos. Os nossos eram completamente diferentes dos outros. O nosso eram de GR e os outros eram dança misturada com não sei o que. Então, os nossos eram da Ginástica. Sempre levávamos todas.

D.N. – Te lembras o ano desse Ginásio Cardeal que tinha mais de 100 crianças que tu citou?

V.V. – Foi nessa época já. 1975, 1976. Foi em seguida. Três anos depois que eu comecei, eu comecei a dar aula lá.

D.N. – E essas competições que tu citou agora da zona sul, tinham as séries já estabilizadas?

V.V. – Naquela época sim. Os campeonatos escolares gaúchos tinham séries obrigatórias, de conjunto obrigatório. Eu lembro até da música que era tudo em piano naquela época. Então, era uma luta para conseguirmos, porque recém era advento das fitas cassetes, dos gravadores. Então, tinha que ter o piano, alguém que tocasse, que soubesse compor. Isso dificultava. Até que tinha uma moça que a Vera instruiu que começou a fazer as fitas e vendia as fitas para nós.

J.C. – Marines Schneider Freire¹⁵?

V.V. – Acho que é. Então, ela que fazia.

D.N. – E antes disso, como que vocês faziam com as músicas?

V.V. – Eu tinha a minha madrinha que tocava piano muito bem, tinha um primo que tocava piano muito bem. Então, eu dizia que queria uma música assim, assim, assim. Na escola tinha piano e nós pedíamos para levar o piano para o auditório. Então, sentava ali e dizia: “não quero isso, quero aquilo, aquela música”. Então, ela começou a procurar partituras. Ela fazia os arranjos entre uma e outra e ia costurando, como se diz. Eu me lembro que era da série bola, porque era livre. A de corda era obrigatória, nós recebemos a série. Nós tivemos em Porto Alegre, aprendíamos a série e depois passávamos para os alunos. a obrigatória era corda e a livre era bola . A de bola que nós sofriamos porque tínhamos que procurar por onde. Nós montávamos a partitura toda e depois treinávamos bastante. Os ensaios eram por parte e nós já pegávamos as meninas junto.

D.N. – Tinha primeiro a música e depois a série ou tu construías a série primeiro?

V.V. – Eu construía a série primeiro. A coisa era meio que junto. Eu levava as meninas para lá e dizia o que queria, porque havia os exercícios específicos da bola que não podia fugir. Então, eu ia fazendo e ela ia tocando: “Nesse pedaço eu quero isso”. Com meu primo eu fazia melhor. Eu montava toda a série primeiro. Ele era músico e era super mais adiantado, moderno. Então, ele olhava e já sabia o que ia fazer e até sugeria músicas, inclusive para as individuais. Ele tinha muita música. E fomos fazendo. Fazíamos muitas apresentações.

J.C. – E Pelotas onde é que surgiu?

V.V. – Depois eu fui para Pelotas no início de 1984.

J.C. – Te pergunto não só na década de 1970, mas ao longo de toda tua história na ginástica, aonde que tu viu os homens, o que tu viu eles fazendo, quem tu viu, atleta, pianista, aonde eles estavam esse tempo todo?

V.V. – Na verdade na ginasta eu não tive. Eu tive bailarino. Além da ginástica eu trabalhava com a dança também. Eu tive um menino que era bailarino, inclusive hoje é bailarino profissional. Os pais eram castelhanos e trabalhavam em Santa Vitória. Eles

¹⁵ Nomes sujeitos à confirmação.

moravam no Chuí, mas depois foram para Santa Vitória. O Marflio¹⁶ era um menino diferente. Tocava violão, fazia curso de inglês. Isso em 1970 e poucos. Foi nessa fase que ainda estava em Santa Vitória. Foi entre 1972 e 1980. Foi mais para o final. Ele se interessava bastante pelas aulas. Ele não fazia as aulas, mas ele era muito flexível e ele gostava muito. Era músico, tinha esse lado artístico muito forte, hoje ele é um bailarino profissional e mora em Montevideo. A única referência que eu tenho de homem, no caso, a não ser meu primo que era músico e trabalhou comigo nessa parte... A não ser na ginástica olímpica que também eu dava, mas dava separado nas aulas de Educação Física eu tive meninos.

J.C. – E na faculdade?

V.V. – A faculdade naquela época, eram turmas separadas. Senão me engano, tínhamos aulas de dança juntos. Nós gostávamos de fazer aulas juntos.

J.C. – Em que época ainda tinha aula em separado?

V.V. - No IPA em 1972, 1975.

J.C. – E depois lá em Pelotas?

V.V. – Eu fui em 1984 e fui trabalhar no colégio do estado que era o Dom João Braga¹⁷. Aí eu fiz um grupo lá. Inclusive eu fui contratada para lá porque a diretora queria, tinha um campeonato nacional de basquete e precisa de apresentação de ginástica. Quando eu cheguei lá, a ela me pediu para o colégio dela. Eu já cheguei fazendo faixas ao invés de fitas, porque não tinha como trabalhar com as crianças sem escolher as crianças. Vinte e quatro crianças para encher o ginásio. Eu fiz um trabalho, não vou dizer de esconder as crianças atrás do aparelho, mas que o aparelho aparecesse muito mais do que propriamente o que as crianças poderiam fazer. Mas foi bom, porque todas essas crianças depois eu direcionei dentro da GR. Tive apoio da direção e consegui um ginásio para nós treinarmos. Então, treinava de manhã e de tarde. No colégio, nós não tínhamos meninos. Depois eu fui

¹⁶ Nomes sujeitos à confirmação.

¹⁷ Colégio Estadual Dom João Braga, em Pelotas.

para a faculdade, em 1988. Fui como substituta e fui na disciplina de GRD e dança. Eu dava com as duas disciplinas. Em seguida que eu entrei, trabalhei só internamente com os acadêmicos, meninos e meninas. Trabalhava todo mundo junto. Em princípio a aceitação dos meninos foi um tanto quanto tempestiva, porque alguns muito “light” até. Eles faziam, mas tinha bastante resistência de uma minoria que não era muito pequena. Mas eu consegui levar, fazer e trabalhar bem isso aí, que foi no primeiro ano que entrei como substituta. Até como substituta é aquela história: não tem aquela autoridade por assim dizer, ou supremacia sobre si própria dentro do contexto de uma Universidade. Em 1989 eu fiz para permanente. Aí mudou tudo, porque eu mudei inclusive o planejamento. Mudamos currículo. Então, eu pude botar mais ou menos a GR num patamar melhor do que era. Comecei a exigir mais dos acadêmicos, inclusive os meninos.

J.C. – E desses meninos que trabalharam contigo, que foram teus alunos na faculdade, nenhum se interessou por ser professor, por fazer... Tinha um menino que trabalhava contigo... Foi preparador físico?

V.V. – O Ernani. Ele era mais da ginástica olímpica. Ele foi atleta, ginasta da olímpica desde pequeno. Quando ele foi para a faculdade, gostava muito da preparação física. Então, a preparação física da GA com a GR era muito parecida o trabalho, o treinamento em si, independentemente dos aparelhos. E ele era uma pessoa muito interessada, muito estudiosa e muito competente. Ernani Valente¹⁸. Ele fazia questão de fazer cursos, comprava muito livro, procurava muito, ia muito atrás das coisas e fazer cursos. Até pouco tempo, ele passa por lá. Quando montamos a academia, nos primeiros anos, foi 2005, ele foi para lá para trabalhar com a parte da preparação física das gurias. Mas até anteriormente, em 1989, eu montei o projeto da GR dentro da ESEF¹⁹ e esse projeto era destinado à escola. Fazíamos na escola. Eu fiz curso dentro da ESEF e chamei professores e levavam para as escolas, eu supervisionava, colocava estagiários em cada escola. Passou uns dois ou três anos assim. Mas as escolas não tinham aquela visão que temos. Era uma atividade extracurricular. Nós competíamos muito com o basquete, vôlei, handebol, futebol. Tinha lugar para todo mundo menos para a ginástica, inclusive para a ginástica olímpica. Alguns colégios ainda ficaram firmes com a olímpica e a GR. Mas depois houve

¹⁸ Nomes sujeitos à confirmação.

¹⁹ Escola de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.

muita dificuldade. Então, eu resolvi pedir para a Universidade um local para trabalhar. Conseguimos locar locais para funcionar o projeto. Eu abri para a comunidade.

J.C. – E não tinha meninos?

V.V. – Os meninos iam para a olímpica, porque a olímpica tinha projeto. Não que não se oferecesse. O nosso sempre foi aberto. Como os projetos funcionavam paralelos os meninos acabavam indo para a olímpica. O Ernani trabalhou comigo na faculdade com o projeto porque também tínhamos algumas aulas do projeto dentro do ginásio da faculdade. Então, nos horários dele, ele fazia dentro da Universidade comigo, com as crianças. Trabalhou durante uns dois anos. Depois ele se formou. E em 2005, quando abrimos a academia, ele foi para lá, começou a treinar a Carol²⁰. Começou a fazer cursos fora, para Santa Catarina, Curitiba. Ele fez dois ou três cursos a pouco tempo. Ele sempre se interessou muito. Mas as pessoas precisam trabalhar e isso aí não é muito viável em termos financeiros. Profissionalmente as pessoas têm que procurar outra coisa.

D.N. – Vou fazer só mais uma pergunta que eu lembrei agora: tu falaste no curso para ser árbitra, que tu chegaste a fazer. Chegou a fazer algum outro curso depois que sai da faculdade, ali no IPA? Tu chegou a fazer algum outro curso de extensão, fora?

V.V. – Quando eu fiz o IPA eu fiz pós-graduação em Pelotas. Tinha pós-graduação em GR e dança. Isso em 1979. A professora do pós era a Zelira²¹ e a professora dança era a Cecy Frank. Cecy Frank é uma professora de dança bem renomada, já é falecida. Era aqui de Porto Alegre. Inclusive, ela trabalhava muito dança contemporânea moderna Martha Graham, Laban²². Então, nós tínhamos aulas didáticas e aulas práticas onde ela dava toda a parte da dança com teoria e prática e a Zelira dava a parte de GR.

D.N. – E como era esse curso?

V.V. – Eu gostei muito. Apesar que a GR, para mim, não tinha grandes atrativos, porque eu já era árbitra e a Zelira era árbitra junto comigo. Ela era mais velha do que eu e já

²⁰ Nomes sujeitos à confirmação.

²¹ Zelira Mendes Eichenberg.

trabalhava na UFRGS²³, senão me engano. Então, tinha que vir uma professora da Universidade para dar aula lá. Foi muito interessante porque eu praticamente trabalhava monitorando as aulas dela. Foi uma experiência ótima, mas em termos de enriquecimento ficou meio estabilizado.

D.N. – E o curso de árbitra como tu fez?

V.V. – O primeiro foi em 1976 aqui na Federação. Fez todo na Federação. Depois eu comecei a fazer os nacionais. Eu não me lembro, mas enquanto teve... Eu só interrompi realmente quando eu me mudei para Pelotas. Interrompi aquele ciclo de quatro anos, entre 1984 e 1988. Em 1988 eu já fiz, mas nunca me desvinculei da GR como um todo. A partir de 1988 eu comecei a fazer os internacionais, etc.

J.C. – Estávamos falando antes da entrevista dos desentendimentos que tem, das coisas que acontecem. Como eram nessa época? Gostaríamos de entender como era o movimento do grupo. Era o mesmo grupo que lutava por uma causa da ginástica, mas também acreditamos que as pessoas não tinham ideia sempre iguais.

V.V. – Certamente não. Havia muita briga sim, porque tínhamos uma Vera Angheben que havia dado um pontapé inicial na coisa, tínhamos uma Margareth Biasi²⁴ que era ginasta e se tornou árbitra depois. A Margareth era muito polêmica e a Vera não era tanto. Mas havia outras pessoas também que começaram a assumir a Federação como coordenadoras das modalidades. Então, se tornou um pouco difícil, porque até entre elas...

J.C. – Tu diz da olímpica, rítmica...

V.V. – Não. Dentro da própria GR.

J.C. – Quem mais era da Federação?

²² Rudolf Laban.

²³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁴ Atleta do GRUGIPA.

V.V. – Tinha uma menina que não lembro o nome. Se discutia bastante os cargos, porque “eu mando, eu sou a coordenadora, tu é o árbitro”, entendeu? Então, havia alguma polêmica em cima disso aí.

J.C. – Quem escolhia a diretora da Federação?

V.V. – Sempre era o presidente da Federação. Os árbitros ficavam meio à margem dessas escolhas [trecho inaudível]. “Fulana de tal é a diretora”. Tivemos essa menina que não me lembro o nome, que foi antes da Margareth. Discutíamos bastante sobre o que acontecia nas competições. Naquela época os árbitros eram muito pressionados, os clubes pressionavam muito os árbitros. Os árbitros eram praticamente “contratados pelos clubes”. Eles eram da Federação, mas os clubes os indicavam. Então, eles ficavam pendentes. Uma situação bastante delicada, porque eles tinham que arbitrar uma competição em nome de uma entidade.

J.C. – Quem pagava os árbitros eram os clubes?

V.V. – Algumas vezes sim. Quando viajávamos a delegação levava o árbitro. Nós já sentíamos uma situação bastante delicada. Por exemplo, eu sempre tive convicções que eu estava ali como árbitra, mas nem todo mundo é como a gente. Eu sabia que sentava na banca para dar nota só para esse. Isso ainda acontece, nós sabemos. Claro que é uma coisa mais em menores casos. Até porque o próprio sistema se modificou. O que acontecia da Federação, acontecia na Confederação. Não era uma via só. Era mão dupla. A Federação²⁵ e a Confederação tinham esse tipo de comportamento, por assim dizer. Por exemplo, se eu era do clube do Rio Grande do Sul e estava uma equipe do sul lá, Sogipa²⁶, União²⁷, seja lá o clube, as fulanas, as gaúchas, no caso... Até pouco tempo eu era chamada de gaúcha. Quando eles queriam falar para outras pessoas que eu estava na banca, era gaúcha. Claro que a única era eu, a gaúcha. Eu ficava sabendo por outras pessoas esse tipo de comentário. Mas eu nunca liguei muito para essas coisas, até porque inclusive dentro do próprio clube

²⁵ Federação Riograndense de Ginástica.

²⁶ Sociedade Ginástica de Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

²⁷ Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

eu me posicionava, até discutia muito com as técnicas. Eu representei muito a Sogipa como árbitra, porque eu tinha amizades dentro da Sogipa, de técnicas da Sogipa. Então, elas sempre me chamavam. Preferiam não chamar alguém daqui e chamar de fora. Mas eu sempre me posicionei muito. *Tudo bem eu vou arbitrar mas vou arbitrar o correto*. Se eu tiver que dizer, por exemplo, alguma coisa das notas, eu ia para os treinos, olhava os treinos e passava as informações: “Olha, isso aqui não está bom, tem que arrumar aquilo”. Mas jamais dentro da própria banca.

J.C. – Mas nessa época não tinha duas, vamos dizer, não tinha linhas diferentes assim? As pessoas tinham as discussões técnicas, enfim, mas tinham um norte ou tinham aulas separadas?

V.V. – Assim, que eu me lembre, não, porque eu era lá no interior. Eu vinha aqui esporadicamente. O que nós tínhamos sempre foi essa rivalidade União-Sogipa, Americano-Anchieta. Isso aí nós sempre ouvimos falar. Vínhamos que tinha. Em termos de clube, como o Grêmio e Internacional. Essas coisas assim.

D.N. – Até nas outras entrevistas que fizemos, vimos que tinha todo esse processo de objetivo de massificação da GR. Sabemos que existe essa linha de pensamento de massificar, de fazer demonstração. Tu acha que existia além dessa linha de massificação que era da Vera? Tu acha que entre outras professoras que entraram junto – temos citado a Rita Pozzobon Xisto, não sei se chegaste a conhecer ela que era de Santa Maria e tinha a Zelira que foram nomes fortes que apareceram no início também – tu acha que tinha algum outro tipo de visão fora dessa massificação? Ou algum outro de alguma pessoa que fazia ginástica de uma maneira diferente?

J.C. – Não era a Valéria que trabalhava no Americano?

V.V. – Valéria?

J.C. – Valéria Baggio.

V.V. – A Vera era uma pessoa bem voltada para essa parte escolar, da parte educativa, pedagógica da ginástica. Eu conheci a Zelira como técnica, como árbitra. Então, o trabalho dela no Anchieta naquela época, eu acredito que era forte nessa parte de competição. Acho que a Valéria não trabalhava no Americano e sim no Anchieta com a Zelira.

J.C. – Iara?

V.V. – Sim. A Yara Zamberlan A Iara trabalhava no Americano. Sabia que tinha alguma coisa que eu iria lembrar. A Valéria trabalhou na Sogipa depois. Quando a Valéria foi embora, a Zelira ficou. Depois da Zelira foi a Joice²⁸. Elas que se mantiveram na mesma linha. Eu acredito que a partir do momento em que a GR se instalou como modalidade esportiva dentro das Federações, ela perdeu um pouco desse caráter escolar, dessa massificação que de repente tu esteja falando que era o que a Vera começou. Claro, como ela foi o baluarte, começou. E ela não foi para clube nenhum. Ela se manteve dentro da faculdade. A Margareth também, a mesma coisa. Senão me engano a Margareth trabalhava na CETE²⁹, junto com a Vera. Então, eram pólos diferenciados. Apesar que depois a Vera também foi árbitra, a Margareth também, só que a Vera deixou a arbitragem e a Margareth continuou. A Margareth inclusive foi da Confederação também, fez parte do comitê técnico da CBG. Na época não era [palavra inaudível] ainda. Não recordo o nome. E as polêmicas eram grande dentro da Confederação.

J.C. – Não sei se tu tens mais alguma coisa que queira falar, porque, como não sabemos a história, [trecho inaudível]...

V.V. – Não. Eu acho que de repente, claro como é esse período... Em 1984 foi a década de Pelotas. Eu comecei com os projetos e aí foi que Pelotas se inseriu mesmo com o trabalho com a GR. Inclusive nós tínhamos campeonatos do interior que fazíamos em Pelotas a maioria das vezes foi em Pelotas. Santa Maria também tinha bastante gente trabalhando.

J.C. – Essa Maria Rita Pozzobon Xisto, tu não sabes quem é?

²⁸ Joice Elaine Flores

²⁹ Centro Estadual de Treinamento Esportivo do Rio Grande do Sul

V.V. – Não lembro, sinceramente. A partir daí tinha os campeonatos do interior, que trabalhávamos em Pelotas e aí foi se formando alguma coisa lá. Atualmente algumas pessoas trabalham. Teve gente que trabalhou em Santa Vitória que foram alunas minhas, Passaram pela faculdade e voltaram para lá para trabalhar. Isso princípio assim, que eu lembro.

[FINAL DO DEPOIMENTO]